

AS IMAGENS NEBULOSAS EM *INFÂNCIA* DE GRACILIANO RAMOS

The nebulous images in *Infância* by Graciliano Ramos

Antonio de Medeiros

<https://orcid.org/0000-0002-1323-2762> 

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ,
Brasil. 21941-902 – depneolatinas@letras.ufrj.br

Resumo: Este ensaio aborda algumas das imagens nebulosas da infância presentes no livro autobiográfico *Infância* de Graciliano Ramos, publicado em 1945. O caráter nebuloso dessas imagens está relacionado à natureza volátil e intermitente da memória, cuja escrita se configura como uma tentativa de recuperar o que está na nuvem das lembranças. Além da análise de trechos de *Infância*, inserimos na investigação a contribuição de Walter Benjamin sobre o papel do trabalho das semelhanças como uma forma de compreender o mundo. Também serão realizadas algumas aproximações entre o livro de Graciliano e a *Infância em Berlim por volta de 1900*, de Benjamin. Contamos com o aporte teórico de Paul Ricoeur que em *Tempo e Narrativa* defende que a função referencial da intriga estaria na capacidade da ficção de refigurar a experiência temporal e também contamos com as leituras das obras de Graciliano Ramos, realizadas por Antonio Cândido, que nos auxiliarão a pensar como se dá a reconfiguração da experiência vivida, na escrita de Graciliano Ramos.

Palavras-chave: Crítica Literária; Graciliano Ramos; Memória.

Abstract: This essay reflects on some of the hazy childhood images present in the autobiographical book *Infância* by Graciliano Ramos, published in 1945. The hazy character of these images is related to the volatile and intermittent nature of memory, whose writing is configured as an attempt to recover what is in the cloud of memories. In addition to the analysis of excerpts from *Infância*, we include in the investigation the contribution of Walter Benjamin on the role of the work of similarities as a way of understanding the world. There will also be some approximations between Graciliano's book and Benjamin's *Berlin Childhood around 1900*. We also count on the theoretical contribution of Paul Ricoeur, who in *Time and Narrative* argues that the referential function of the plot would be in the fiction's ability to reshape the temporal experience, and we also count on Antonio Cândido's texts about Graciliano Ramos, which will help us to think about how the reconfiguration of lived experience takes place in the writing of Graciliano Ramos.

Keywords: Literary Criticism; Graciliano Ramos; Memory.

Introdução

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino. Machado de Assis. Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Nuvens

O livro autobiográfico *Infância* de Graciliano Ramos, publicado em 1945, se inicia com um capítulo intitulado *Nuvens* que começa com o seguinte trecho:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso não desaguasse noutra posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fizeram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real. (RAMOS, 1978, p. 9)

A porosidade e a incerteza quanto à veracidade das imagens da infância já se instalam desde o início do livro. A imagem, brilhante e esguia, do vaso de pitombas pertence a uma das mais remotas lembranças do autor. O narrador adulto conclui que o que possui não é a lembrança em si, mas a reprodução de sua memória individual corroborada pela memória de outros indivíduos.

Da mesma forma, o que leremos em diante não serão as lembranças do menino, impossíveis de serem resgatadas em sua totalidade e completa veracidade, mas as reproduções que o narrador adulto faz delas. Contudo, essa escrita de si não deve ser entendida como mera cópia do que foi vivenciado, e sim, conforme afirmado por Simone Braga, como o inevitável exercício de fabulação do eu que se instala na escrita autobiográfica: “O escritor sabe que não dará conta inteiramente de sua vida e que a memória nebulosa levará a uma fabulação do eu.” (BRAGA, 2013, p. 9).

Esse movimento de recordar e reproduzir momentos da infância é envolto por uma constante nebulosidade, cuja presença é percebida como um fio que permeia toda a narrativa: “Meu pai dormia na rede armada na sala enorme. Tudo é nebuloso.” (RAMOS, 1978, p. 32).

Essa sensação de névoa e a conseqüente dificuldade de enxergar a realidade correspondem, ao mesmo tempo, tanto às características fugidias e imprecisas do ato de rememorar, quanto às limitações de uma criança de compreender o mundo a sua volta, de se orientar no tempo e no espaço, onde tudo é novidade e descoberta: “Houve uma segunda aberta entre as nuvens espessas que me cobriam: percebi muitas caras, palavras insensatas.” (RAMOS, 1978, p. 9).

Essa barreira em enxergar a realidade é retomada nos capítulos de *Infância* de formas variadas. No capítulo “Cegueira”, por exemplo, ela virá de forma física como uma doença nos olhos do menino para o qual “Os objetos surgiam empastados e brumosos”.

Já no capítulo “Uma bebedeira”, em um passeio a uma fazenda de um vizinho, enquanto o pai se retira para conversar com o proprietário, o menino fica com a mãe: “Minha mãe e eu ficamos cercados de saias” (RAMOS, 1978, p. 37). O emprego metonímico das



palavras será usado em larga escala para dar conta da reprodução da visão infantil de mundo.

“Nesse dia não o percebi direito.” (RAMOS, 1978, p. 36). É desse modo que o narrador se refere a sua primeira impressão do fazendeiro, o olhar infantil ainda não plenamente capaz de realizar um julgamento pela sua totalidade, mas que com o tempo será apurado. “Avistei-o alguns anos depois com vestimentas ostentando prosperidade, botinas lustrosas, guarda-chuva caro, uma libra esterlina pendurada no correntão de ouro, escandalosamente próspero.” (RAMOS, 1978, p. 36) e por fim, depois de um intervalo ainda maior, “muito por baixo, carregando na aguardente, jogando baralho com polícias em balcões de bodegas e em calçadas”. Essas percepções do narrador revelam a degradação financeira e pessoal do fazendeiro. As impressões do menino vão se desanuviando conforme ele adquire mais experiência de vida ou se modificando quando retomadas pelo olhar do narrador adulto.

É durante essa reunião na sala de visitas que uma das mulheres dá ao menino um cálice de licor, que é seguido de outro, até que ele bebe todo o restante da garrafa. Levemente embriagado, ele percebia o mundo “através de uma neblina, distinguia formas vagas e inconsistentes”.

A sensação de estar embriagado guarda semelhanças com o ato de recordar, em ambos a experiência do tempo e do espaço sofre alterações e coexiste uma nebulosidade da percepção ou de sua reconstituição: “Quando meu pai regressou, eu me achava num momento de evasão, indiferente às censuras, nos joelhos de uma desconhecida, tagarelando com outras desconhecidas encantadoras, meio invisíveis no espesso nevoeiro que me envolvia.” (RAMOS, 1978, p. 42).

Há no capítulo *Nuvens* uma estrutura narrativa que se dispersa por vários lugares e tempos diferentes. Sua forma e conteúdo estão tão entrelaçados que um aspecto influencia e depende do outro. Nos capítulos seguintes, essa interdependência ainda persiste mesmo que de modo menos latente. É justamente essa forma de abordar e compreender a percepção infantil de um modo temporal não-linear que enriquece o conteúdo, tornando os relatos mais verossímeis, e alterando a forma como a narrativa é construída.

Apesar das tentativas de costura interna deste capítulo por construções como “Nova solução de continuidade” (RAMOS, 1978, p. 10), predominam trechos descontínuos em que personagens, que surgirão de modo mais consistentes nos capítulos precedentes, são descritos de modo incompleto e misterioso.

A narrativa é como um fluxo de memória. Ela não obedece aos critérios de espaço e tempo. A descontinuidade é a regra, por isso as recordações se sobrepõem, fragmentando a noção ficcional de tempo da narrativa. – “estremecimentos que aparecem hoje como rasgões num tecido negro. Passam através desses rasgões figuras indecisas: Amaro Vaqueiro...” E seguem-se rápidas apresentações de alguns personagens que mais a frente ganharão corpo e espaço.

Essas descrições iniciais, verdadeiros retalhos de lembranças, são completadas pelas informações que o narrador adulto obteve e são incorporadas à narrativa, como uma

emenda que nem sempre agrada ao autor: “Defronte alargava-se um pátio enorme também, e no fim do pátio cresciam árvores enormes, carregadas de pitombas. Alguém mudou as pitombas em laranjas. Não gostei da correção, laranjas, provavelmente já vistas, nada significavam.” (RAMOS, 1978, p. 10)

Entre a informação fatídica e a ficção de uma memória o autor escolhe a ficção: “Positivamente havia pitombas e um vaso de louças, esguio, oculto atrás de um móvel a que a experiência deu o nome de porta.” (RAMOS, 1978, p. 11).

Graciliano Ramos enfrenta o enorme desafio de tornar um conjunto de memórias em uma narrativa unificada. O êxito em se atingir essa “síntese do heterogêneo”, que Ricoeur menciona no prefácio de *Tempo e Narrativa*, é alcançada pela aceitação/assimilação no jogo da escrita da nebulosidade da memória, no qual só um exercício ficcional consegue esquematizar e tornar o que é solto e fugidio em “uma nova congruência no agenciamento dos incidentes” (RICOUER, 1996, p. 10):

Ora, a intriga de uma narrativa é comparável a essa assimilação predicativa: ela toma “conjuntivamente” e integra numa história inteira e completa os eventos múltiplos e dispersos e assim esquematiza a significação inteligível que se prende à narrativa considerada como um todo. (RICOUER, 1996, p. 10)

Antes de iniciarmos a análise pontual de algumas das imagens presentes neste livro de memórias da infância, é oportuno ressaltar o papel do trabalho das semelhanças como uma forma de compreender o mundo. Segundo Walter Benjamin em *A doutrina das semelhanças* a própria natureza engendra semelhanças, mas é o homem que tem a capacidade suprema de produzi-las.

Na criança, isso ocorre de modo espontâneo durante o aprendizado e a descoberta do mundo, porém nem sempre o jogo da semelhança resulta na apreensão objetiva do real, muitas vezes o mundo da imaginação da criança o extrapola, “A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem.” (BENJAMIN, 1993, p. 108), ou comete enganos por “erros” de associação, enganos esses criadores de outras possibilidades de apreensão do real, de alargamento de perspectivas, algo tão característico do olhar infantil e apontado como positivo por Walter Benjamin em *Infância em Berlim por volta de 1900*: “Os mal-entendidos modificam o mundo para mim” (BENJAMIN, 1993, p. 98).

Como afirma Anita Helena Schlesener (2009, p. 153), no artigo “Mímesis e infância: observações acerca da educação” a partir de Walter Benjamin há uma aproximação entre a brincadeira infantil e a mímesis, já que “É no contexto da brincadeira que se realiza a imitação, que não é mera cópia ou reprodução da situação, mas um processo de conhecimento e de criação.”

Um exemplo desse tipo de mal-entendido citado por Benjamin está em *Infância* no capítulo “Leitura” que trata do início da alfabetização de Graciliano, ao ler uma série de aforismos numa carta, o menino esbarra com a seguinte frase: “Fala pouco e bem: ter-te-

ão por alguém” (RAMOS, 1978, p. 107). A confusão se dá com o verbo “ter-te-ão”, o desconhecimento da mesóclise faz com que o menino confunda o verbo com um nome próprio. Quem é afinal esse tal de Terteão? Como a Mocinha que lhe acompanhava os estudos tampouco conhece essa tal de Terteão, o menino fica amuado por não obter uma resposta satisfatória a sua curiosidade.

Também no conto “Die Mummerehlen” os equívocos infantis permitem uma nova relação com as palavras, que são como nuvens que podem se assemelhar a animais ou objetos e que guardam um saber oculto a quem consegue lê-las:

A tempo aprendi a me mascarar nas palavras que, de fato, eram nuvens. O dom de reconhecer semelhanças não é mais que um fraco resquício da velha coação de ser e se comportar semelhantemente. Exercia-se em mim por meio das palavras. (BENJAMIN, 1993, p. 99)

Por fim, pode-se citar como exemplo do trabalho das semelhanças realizado de modo intuitivo pela criança, o trecho de *Infância* no qual o garotinho se surpreende com o tamanho de um açude. O ineditismo da situação o leva a comparar a imensidão de água do açude com um vaso, parecido com os potes da sua casa, só que num tamanho maior:

O que então me pasmou foi o açude, maravilha, água infinita onde patos e marrecos nadavam. Surpreenderam-me essas criaturas capazes de viver no líquido. O mundo era complicado. O maior volume de água conhecido antes continha-se no bojo de um pote- e aquele enorme vaso metido no chão, coberto de folhas verdes, flores, aves que mergulhavam de cabeça para baixo, desarranjava-me a ciência. (RAMOS, 1978, p. 15).

Um cinturão

O famoso capítulo “Um cinturão” traz uma recordação dolorosa de violência cujas marcas de dor e de incompreensão acompanham o narrador adulto. O fato ocorreu quando ele tinha quatro ou cinco anos. O pai dormia numa rede, mas ao se levantar, o menino percebe, pela voz áspera e rosnados, que o pai está nervoso e para se proteger ele se esconde num canto.

O homem o encontra e pergunta onde está o cinturão. Por causa do nervosismo, o menino não consegue explicar que não está com o cinto e que desconhece o seu paradeiro. As reações alteradas do pai, os seus gritos de acusação só aumentam o pavor da criança. O medo é outro fator que interfere na sua percepção, pois distorce a realidade (uma neblina). Por não conseguir se defender, ele é açoitado pelo pai: “Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote.” (RAMOS, 1978, p. 34).

A cena da surra é construída de modo a realçar a solidão e o abandono do menino à fúria incontrolável e irracional de um adulto: “Achava-me num deserto.” (RAMOS, 1978, p. 34).

Quando o pai retorna à rede e encontra o cinturão que ele mesmo havia esquecido

dentro dela, a sua figura agigantada se reduz:

Pareceu-me que a figura imponente minguava – e a minha desgraça diminuiu. Se me pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou. Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. (RAMOS, 1978, p. 35)

O capítulo termina com uma frase cortante e amarga “Foi esse o primeiro contato que tive com a justiça.” (RAMOS, 1978, p. 35) Essa afirmação além do aspecto da ironia, associa a imagem do cinturão com o conceito de justiça, cujo prenúncio já se anuncia no início do conto: “As minhas primeiras recordações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão.” (RAMOS, 1978, p. 31).

A incompreensão infantil para a surra (a experiência vivida) ao ser retomada e recriada pelo narrador adulto (experiência narrada) torna-se uma reflexão do conceito de justiça como “de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco” (CANDIDO, 1992, p. 71).

Outras imagens da infância /de Infância

Antonio Candido no livro *Ficção e Confissão* defende que há em *Infância* uma junção entre a exposição da verdade e da vida imaginária, pois “nele as pessoas parecem personagens e o escritor se aproxima delas por meio da interpretação literária, situando-as como criações.” (CANDIDO, 1992, p. 70).

É inegável que a experiência pessoal de Graciliano reverbera em toda a sua obra. Quando numa entrevista a Homero Senna (2020 [1948]) para a revista de O Globo lhe é perguntado se sua obra de ficção é autobiográfica, ele responde: “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se os personagens se comportarem de modos diferentes, é porque não sou um só. Em determinadas condições, procederia como esta ou aquela das minhas personagens.”

Sem desconsiderar o valor do olhar biográfico, assim como o da análise documental (cartas, diários e entrevistas) como ferramentas para auxiliar em uma leitura, o estudo comparativo entre as obras do escritor é interessante por servir para testar hipóteses e encontrar relações que explorem outras camadas do texto. Como, por exemplo, quando Antonio Candido observa no menino de *Infância* traços do personagem Luís da Silva de *Angústia*:

“Muitas das pessoas aparecidas na primeira parte de *Infância* já eram nossos conhecidos de *Angústia* (RAMOS, 1969). E, penetrando na vida do narrador menino, parece-nos que há nela o estofamento em que se talham personagens como Luís da Silva.” (CANDIDO, 1992, p. 71).

A partir dessa observação de Candido, pode-se propor uma relação entre os seguintes trechos. O primeiro de *Angústia*:

Lavo as mãos uma infinidade de vezes por dia, lavo as canetas antes de

escrever, tenho horror às apresentações, aos cumprimentos, em que é necessário apertar a mão que não sei por onde andou, a mão que meteu os dedos no nariz ou mexeu nas coxas de qualquer Marina. Preciso muita água e muito sabão. Viver por detrás daquelas grades, pisar no chão úmido, coberto de escarros, sangue, pus e lama, é terrível. Mas a vida que levo talvez seja pior. (RAMOS, 1978, p. 163)

O trecho anterior guarda intensa relação com este a seguir, agora retirado do capítulo “Laura” de *Infância*, no qual surgem os primeiros sonhos com fantasias eróticas que perturbam a visão romântica e idealizada que o personagem tinha de Laura. Em ambos os casos, o sentimento de culpa e nojo de si mesmo, acompanhado da necessidade de se purificar, de lavar as mãos culposas. Em Graciliano Ramos:

Bicho, bicho monstruoso – e afundava na tristeza, pedia a morte, As ilusões quebradas, em cacos. Tinha nojo de mim mesmo. Sujo, precisando água e sabão. Mas isto não me limparia, as manchas eram indelévels. (RAMOS, 1978, p. 251).

Há ainda outro aspecto interessante a destacar que é da percepção infantil das desigualdades sociais que surge como um processo de amadurecimento e de perda de parte da ingenuidade e da inocência. Em *Infância*: “Notava diferenças entre os indivíduos que se sentavam nas redes e os que se acocoravam no alpendre.” (RAMOS, 1978, p. 29).

No capítulo *Mendigos e Prostitutas* do livro *Infância em Berlim* de W. Benjamin a percepção da pobreza pela criança já está inserida num contexto de exploração social:

Os pobres – para as crianças ricas de minha idade – só existiam como mendigos. E foi um grande avanço em meus conhecimentos quando comecei a entender a origem da pobreza na ignomínia do trabalho mal remunerado. Isso ocorreu num breve escrito, talvez o primeiro que escrevi inteiramente para mim. (BENJAMIN, 1993, p. 125).

Ainda em *Infância em Berlim*, o capítulo *O jogo das letras* se inicia com a seguinte frase: “Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim.” (BENJAMIN, 1993, p. 104). Diante da impossibilidade de reconstituição total da memória, aceitar essa verdade como premissa e incorporá-la a ficção é um dos acertos do livro de Graciliano Ramos.

A memória possui uma faceta indomável, isso se dá no modo em que ela se impõe, desobedece à linearidade das ações e cujos efeitos escapam a noções rígidas de espaço e de tempo:

De um deles ressurgem vagas expressões: tributo, papa-rato, maluquices que vêm, fogem, tornam a voltar. Tento arredá-las, pensar no açude, nos mergulhões, nas cantigas de José Baía, mas os disparates me perseguem. (RAMOS, 1978, p. 17)

Ciente dessa natureza volátil da memória, a escrita se apresenta como uma possibilidade, mesmo que com falhas, de dar alguma consistência ao que está nas nuvens

da lembrança, ou seja, a escrita possibilita dar certa materialidade ao vivido: “Certas coisas existem por derivação e associação; repetem-se, impõem-se- e, em letra de forma, tomam consistência, ganham raízes.” (RAMOS, 1978, p. 26).

A função mimética de uma narrativa está presente em *Infância* porque os capítulos do livro representam não a imitação, ou cópia documental do que ocorreu na infância já que a escrita das memórias “solicita” que surjam as intrigas e haja alguma organização dos acontecimentos. Segundo Anita Helena Schlesener: “A capacidade mimética se apresenta como o dom de reconhecer e de produzir semelhanças para compreender e ordenar o mundo, atribuindo-lhe um sentido: representação e expressão são indissociáveis nesse processo.” (SCHLESENER, 2009, p. 53)

A presença do narrador adulto é fundamental para repensar a memória, dar-lhe um sentido ou mesmo ficcionalizá-la. É inevitável durante a leitura do livro que o leitor também faça, mesmo que apenas mentalmente, esse mesmo exercício de rememoração de suas lembranças infantis, que é ao mesmo tempo um ato de recriação e reconfiguração de uma experiência vivida.

Essa é uma das potências da escrita literária, destacadas por Ricoeur (1996), que via nas intrigas o meio privilegiado a partir do qual nossa experiência temporal confusa, informe e no limite, muda, pode ser reconfigurada.

Referências

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol. I. Trad. de Sérgio Rouanet, prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 108-114.

BENJAMIN, Walter. A infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas, v. II. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 71-143.

BRAGA, Simone. A vida que se escreve: a representação da infância nas memórias de Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, José Lins do Rego e Cyro dos Anjos. 2013. 193 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/6062>. Acesso em: 29/08/2022.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Martins, 1969.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Record, 1978.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1996.

SCHLESENER, Anita Helena. Mimesis e infância: observações acerca da educação a partir de Walter Benjamin. *Filosofia Unisinos*, v. 10, n. 2, p. 148-156, mai./ago. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237764048_Mimesis_e_infancia_observacoes_a_cerca_da_educacao_a_partir_de_Walter_Benjamin. Acesso em: 29/08/2022.



SENNA, Homero. A última entrevista de Graciliano Ramos. *Site Bula*, 25/08/2020 [1948] às 17:43. Disponível em: <https://www.revistabula.com/3237-a-ultima-entrevista-de-graciliano-ramos/>. Acesso em: 29/08/2022.

NOTAS DE AUTORIA

Antonio de Medeiros (contatoantoniodemedeiros@gmail.com) é doutorando em Estudos Literários Neolatinos / Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-RIO. Além de ser pesquisador, escreve contos, romances e dramaturgias.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

MEDEIROS, Antonio de. As imagens nebulosas em *Infância* de Graciliano Ramos. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 27, p. 01-09, 2022.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 23/07/2022

Revisões requeridas em: 27/08/2022

Aprovado em: 01/09/2022

Publicado em: 04/11/2022

